

Adaptações na Prática do Ensino de Geografia para Alunos Surdos

Adjustments in Practice Teaching for Deaf Students

Ricardo Lopes Fonseca¹

Eloiza Cristiane Torres²

RESUMO

Este estudo engloba as principais características acerca da educação inclusiva do aluno surdo nas salas de aulas. São várias as reflexões que se apresentam no transcorrer desta pesquisa. A expectativa é que os pensamentos aqui mencionados sejam de fácil compreensão para o leitor e que consigam despertar a consciência e o senso crítico com referência à situação do modelo de inclusão de alunos surdos nas escolas públicas do Brasil. Considera-se educação inclusiva o método de inclusão de distúrbios de aprendizagem na rede básica de ensino. Essa discussão é direcionada para a variedade de implicações referentes ao ensino de Geografia para os alunos surdos, uma vez que o ensino para estes alunos deve ser visto com muita atenção, já que as propostas pedagógicas direcionadas para o indivíduo surdo têm como finalidade possibilitar o crescimento total de suas capacidades, porém, o que se percebe é que não é isso que ocorre nas salas de aulas. O objetivo geral deste estudo é o de aplicar vários recursos didáticos para o ensino de Geografia em salas de aulas com alunos surdos e ouvintes, com o objetivo de averiguar a validade de cada uma dessas aplicações, ou seja, se é possível seu aproveitamento em sala de aula com os dois grupos de alunos.

Palavras-chave: Geografia, Surdez, Ensino, Recursos Didáticos.

ABSTRACT

This study deals with the main characteristics about the inclusive education for deaf students in the classroom. Several considerations are shown through this essay. The thoughts mentioned are expected to be easy for the reader understanding and able to raise the awareness and critical thinking according to the inclusion model for deaf students in public schools in Brazil. Inclusive education is considered to be the method of inclusion of learning disorders in elementary and high education. This discussion is directed to the variety of implications about geography teaching for deaf students. The education for deaf students should be carefully observed since the educational proposals directed to this group have the goal to make possible the total development of their capacity. However, it is not what happens in classrooms. This essay aims to apply a variety of methodologies for geography teaching in classrooms with deaf and hearing students in order to investigate the importance of each pedagogical possibility applied, and check if it is possible to use them in classroom with both groups of students.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. Docente do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. Campus Universitário. CEP: 86.051-990 – Londrina-PR. Caixa Postal: 6001. ricardolopesfonseca@hotmail.com.

² Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Julio de Mesquita, Campus Presidente Prudente. Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Julio de Mesquita, Campus Presidente Prudente. Prof^a. Dr^a. do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. Departamento de Geociências. Campus Universitário. CEP: 86.051-990 – Londrina-PR. Caixa Postal: 6001. elotorres@uel.br

Keywords: *Geography; Deafness; Education; Educational Resources.*

INTRODUÇÃO

O estudo da Geografia deve ter uma expectativa que seja envolvida com a realização da cidadania. É preciso preparar o aluno para a vida e não somente para criar conceitos ou desenvolver a concorrência no universo do trabalho.

Desta forma, existem diversos recursos didáticos que são aliados no ensino de Geografia e que podem ser adequados à inclusão dos alunos surdos. Para tanto, foram realizadas entrevistas e selecionados os recursos didáticos mais citados pelos professores, para serem aplicados em sala de aula; sendo elaborado um projeto de intervenção didático-pedagógico em que o pesquisador apresenta os materiais referentes a um determinado recurso, e que este seja compatível com o conteúdo que o professor da sala esteja trabalhando com seus alunos, com a finalidade de saber se o uso deste recurso é válido para ensinar aos alunos surdos e ouvintes sem prejuízos para nenhuma das partes.

As aplicações ocorreram em diversas escolas que foram distribuídas em alguns municípios da Região Norte do Paraná, onde, pelo menos, há um aluno surdo estudando junto com alunos ouvintes. Cada recurso didático foi aplicado três vezes, independente do conteúdo que estava sendo ministrado no momento.

Após a revisão sistemática acerca da temática Educação Especial no Ensino de Geografia, a distribuição das produções acadêmicas, entre os anos de 2008 e 2012 se deu conforme quadro 1.

Quadro 1 – Síntese da Revisão Sistemática.

Periódicos Nacionais (A1, A2, B1 e B2)	41.523 artigos publicados em 180 revistas avaliadas.	2 publicações em Ensino de Geografia voltadas para a Educação Especial
<i>Stricto Sensu</i>	217 trabalhos defendidos.	9 defesas na área da pesquisa (8 no mestrado e 1 no doutorado).
Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia	380 trabalhos publicados nos anais dos eventos (2009 e 2011).	5 na área levantada (4 no evento de 2009 e 1 no evento de 2011).

Org.: o próprio autor.

No quadro 1, pode-se perceber a distribuição das pesquisas de Educação Especial no Ensino de Geografia por tema. Ao todo, são nove investigações acerca da deficiência visual, seis referentes à deficiência auditiva e uma produção que aborda a

deficiência intelectual. Totalizando, deste modo, 16 produções acadêmicas nesta área. Destas, nove estão voltadas para a deficiência visual, seis para a deficiência auditiva e uma para a deficiência intelectual.

Das nove produções realizadas para ensino de Geografia que abordam a deficiência auditiva há trabalhos que focam a aprendizagem e/ou a formação do professor de Geografia, por essa razão justifica-se que esta pesquisa esteja direcionada para o ensino de alunos surdos.

1. CARACTERIZANDO A SURDEZ

Conforme o Censo Escolar, no ano de 2012 havia no Brasil 73.907 alunos deficientes auditivos matriculados na educação básica (INEP, 2013). De acordo com informações obtidas pela Secretaria Educação Especial, vinculada ao Ministério da Educação existem quatro graus de perda auditiva e elas são medidas em decibéis (dB), são eles: leve (não ouve entre 25 e 40 dB), moderada (não ouve entre 41 e 70 dB), severa (não ouve entre 71 e 90 dB), e, profunda (não ouve acima de 90 dB) (BRASIL, 1995). O indivíduo que possuir uma perda abaixo de 25 decibéis será dito como normal, isto é, não será considerado como deficiente auditivo.

De acordo com o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, pessoa surda é aquela que, “[...] por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005). Como visto, muito há para ser levado em consideração acerca da existência de comunidades de surdos, pois são tantas ideias que divergem entre si que se verifica a necessidade de algumas premissas serem levadas em consideração.

Primeiramente, o surdo é uma pessoa normal ou não? “Normalidade” ou “anormalidade”, há muita contradição no que a sociedade considera normal ou anormal, pois assim como vários outros grupos que sofrem preconceitos e restrições da sociedade, tal como os pobres e negros, por exemplo, o surdo também sofre, logo, ele tem que ser considerado membro da sociedade, uma vez que como diz Bueno (1998, p. 42), “[...] ele não deve ser considerado como excepcional, nem como patológico. Mas não se pode considerá-lo como normal, já que ele sofre uma restrição”.

Essa restrição imposta pela sociedade pode ser percebida, também, em outros grupos sociais, que possuem características distintas umas das outras, ou seja, povos de outros países também sofrem restrições sociais pelo fato de serem diferentes do que a

sociedade local determina. Logo, o surdo não pode ser considerado normal, pois ele possui características que o difere da maioria da sociedade.

Um segundo ponto: a surdez deve ser considerada como deficiência? Pois bem, para alguns autores como Moura (1996, p. 17) “[...] não existe possibilidade de considerar o surdo como normal. Ele não o é [...]. Os surdos pertencem a um grupo minoritário que sofre uma restrição que precisa ser compreendida na sua plenitude”.

Como se pode observar, todas as evidências sociais e culturais afirmam que o surdo é deficiente, além do mais, seria um erro não considerar-se o quadro patológico do surdo, pois não se deve achar que o surdo faça parte de um grupo de minorias sociais e confundi-los com outros grupos, pois uma coisa é a patologia e outra a diferença social. Entretanto, se não fosse patológico o problema do surdo, qual seria a explicação para aqueles que nasceram surdos oriundos de algum problema que a mãe teve durante a gravidez, como por exemplo, a rubéola ou a toxoplasmose?

Seria patológico caso a sociedade quisesse eliminar as características que marcam diversas outras sociedades que diferem da sua? A resposta a essa pergunta é negativa, pois não se trata de um problema que pode ser corrigido, isto é, não se trata de algo que possa prevenir e/ou solucionar alguma enfermidade, mas trata-se de diferenças culturais, que marcam uma determinada sociedade e que difere de outras tantas.

O problema com relação à surdez, assim como para as deficiências em geral, é que, como ela não afeta diretamente as possibilidades de sobrevivência e, em grande parte dos casos, até o momento atual, não é passível de reversão, há que se encontrar formas democráticas de conviver com os surdos. Portanto, entende-se que a surdez seja uma deficiência do ponto de vista patológico e diferença social do ponto de vista cultural.

Para Bueno (1998, p. 43):

[...] O nó da questão da integração social do indivíduo surdo, envolvendo a existência de grupos de surdos e sua convivência com os ouvintes, pode ser assim colocado: apesar de ser uma *condição intrinsecamente adversa*, a surdez e os surdos não podem ser tratados meramente como doentes, pois não o são. Essa visão só poderá ser modificada se ultrapassarmos as decorrências diretas da perda auditiva e analisarmos de forma mais abrangente as conseqüências geradas por ela, aliadas às conseqüências construídas e produzidas pelas relações sociais.

Para tal, defender a existência de comunidades surdas, considerando a língua de sinais como sua primeira língua, em contraposição a uma língua imposta pela “sociedade ouvinte”, é contribuir para a superação de sua condição socialmente adversa.

Por outro lado, desconsiderar o fato de que existem agrupamentos de surdos que se utilizam de formas de representação diferentes daquelas utilizadas pelos ouvintes, e ainda, exigir deles a mesma produtividade em relação à linguagem oral dos que ouvem não é a resposta para todas as perguntas que se tem a responder. Assim, já foi concretizado um avanço com a inclusão da disciplina de libras em vários cursos de licenciatura, auxiliando o professor no entendimento da língua diferenciada de seu aluno.

2. DA VALIDADE DOS RECURSOS DIDÁTICOS

Neste trabalho, é apresentada a discussão relacionada aos recursos didáticos aplicados nas salas de aulas de diversas escolas, as quais, por motivos de proteção da imagem dos entrevistados não são divulgados os nomes das escolas e nem dos envolvidos na aplicação dos questionários.

Outro fator que se faz importante destacar, está relacionado às turmas selecionadas; os recursos didáticos foram aplicados em séries/anos diferentes, cuja finalidade é verificar o aspecto comportamental dos alunos em relação ao recurso didático, uma vez que pode haver variação de interesse pelo recurso didático de acordo com a idade e/ou série/ano. Cada recurso apresentado foi aplicado três vezes em escolas diferentes.

Quando o professor organiza em sala de aula um tipo de recurso diferente do que tradicionalmente é utilizado, isto é, uma proposta diferenciada para motivar os alunos para a compreensão do conteúdo das aulas, nota-se que os alunos são estimulados e mais interessados nesse modelo de aula, especialmente pela curiosidade. Assim, quando o professor age desta forma, os alunos manifestam, espontaneamente, o interesse por esse tipo de aula e a aceitação e participação acontecem de maneira totalmente satisfatória.

As reflexões referentes aos recursos didáticos para o ensino de Geografia têm dado ênfase à necessidade de a escola fornecer ao aluno uma aprendizagem na leitura e escrita de forma crítica, ou seja, ajudar os alunos na edificação do senso crítico.

Na prática, isso significa que o aluno deve estar apto para as seguintes atividades: selecionar o que é teoria daquilo que é experiência; elaborar problemas a serem solucionados, realizar estudos, pesquisas, identificar diferentes valores tácitos relacionados às suas tomadas de decisão e avaliar as inúmeras visões que se apresentam.

Para Callai (2001, p. 133):

[...] inúmeros autores têm se dedicado a pensar o significado da Geografia no ensino, em todos os níveis. Para alguns, o conteúdo da Geografia é o mundo, o espaço e sua dinâmica contínua, onde as mudanças ganham cada vez mais velocidade. Nesse contexto, é preciso dar condições aos alunos de pensar e agir, buscando elementos que permitam compreender e explicar o mundo em permanente reinvenção.

A Geografia, por sua própria lógica de conhecimento, caracteriza-se pelas relações entre fenômenos físicos e humanos, ou entre a sociedade e a natureza, também presta sua contribuição na escola para a realização da interdisciplinaridade, confirmando sua exclusividade, ou seja, que ela própria se forma a partir de grande variedade de temas, conservando sempre o espaço geográfico como eixo principal. É essencial que em salas de aulas frequentadas por alunos surdos e ouvintes haja recursos didáticos que diminuam as dificuldades de aprendizagem, facilitando o acesso aos dois grupos (ouvintes e surdos).

Cassetti (2002, p. 152) afirma que “[...] cabe à Geografia a função de preparar o aluno para uma leitura da produção social do espaço, repleto de contradições, ou o desvendamento da realidade, negando a ‘naturalidade’ dos fenômenos que imprimem certa passividade aos indivíduos”.

Torna-se válido ressaltar que essa melhor qualidade no ensino deve atingir os dois grupos de alunos, isto é, que alunos surdos e ouvintes entendam o mesmo conteúdo aplicado com os mesmos recursos didáticos e, desta forma, ter-se a verdadeira integração dos alunos.

Reforça-se neste momento que o intérprete deve acompanhar as aulas devido à importância das traduções, sendo que ele não poderá desabonar o recurso adotado pelo professor e, assim, facilitar o seu próprio trabalho.

A) Atividades Lúdicas: Toda pessoa pode beneficiar-se de atividades lúdicas, tanto como diversão e prazer como também visando à aprendizagem. Diversas capacidades podem ser estimuladas por meio de atividades lúdicas, bastando, para isso, saber explorar e refletir acerca da realidade e da cultura na qual se vive, participando, e também discutindo regras e funções sociais. Nas atividades lúdicas, a realidade pode ser superada por meio da imaginação.

As atividades lúdicas ajudam na criação de uma satisfação acerca do assunto a ser trabalhado, a fim de considerar os interesses e os estímulos dos alunos em se expressar, agir e interagir nas práticas lúdicas organizadas na sala de aula.

De acordo com alguns alunos surdos, é importante haver “diversidade de jogos”, com intuito de haver uma variedade de opções que, ao serem selecionadas, podem

viabilizar um melhor aprendizado; e, também, em alguns momentos “deixar os jogos mais lentos”, pois há a necessidade dos alunos surdos receberem as informações pertinentes ao conteúdo por meio do intérprete, sendo um jogo que exige rapidez por parte dos envolvidos, este aluno pode ser prejudicado, pois até o tradutor enviar as informações por meio da Libras ele pode já ter perdido sua vez de jogar.

Passando aos alunos ouvintes, mesmo havendo uma evidente vantagem auditiva acerca dos alunos surdos, para alguns deles há a necessidade de “variações de atividades”, pois o uso de repetidas atividades faz com que os alunos se sintam entediados.

Para os intérpretes entrevistados alguns pontos precisam ser melhorados neste recurso, devendo ser aplicado “com mais dinâmica, sem ser acelerado”, também deve “buscar maior organização para que seja possível todos os alunos participarem” e ainda deve “dar suporte para que isso aconteça”. Agindo desta forma, os intérpretes acreditam que a prática deste recurso pode ser otimizado.

Quanto aos professores de Geografia, eles acreditam que deve ser melhorada a “aplicação de diferentes atividades” e “a abordagem dos conteúdos”, pois desta forma direcionando atividade que seja mais apropriada para cada conteúdo específico, por meio da forma como o professor trabalha cada conteúdo, os resultados serão cada vez melhor.

As atividades lúdicas devem ser sempre dinâmicas, nem muito rápidas e nem demoradas; o professor tem que estar atento aos limites cognitivos de cada aluno, e cabe ao professor, também, estabelecer a ordem na sala de aula.

B) Charges, Tiras e Quadrinhos: As revistas em quadrinhos são, costumeiramente, as primeiras leituras das crianças e continuam persistindo na vida de muitos adultos. É perceptível o aumento do uso de tiras de quadrinhos, charges, cartuns no meio escolar, como também, em muitas provas de processo de seleção, sabendo-se também que esse tipo de abordagem é parte rotineira de quase todas as pessoas, sendo amplamente divulgado pelos meios de comunicação. Por ser uma leitura apreciável, cativante e prazerosa para a maioria dos alunos esse tipo de atividade, presume-se que é um fator facilitador para organizar uma discussão com certo rigor científico, a partir de componentes do cotidiano.

Em relação aos alunos surdos, eles acreditam que este recurso é excelente, com exceção de um entrevistado que classificou o recurso como bom; para este, o que precisa ser melhorado é em relação às “variedades de material para um mesmo tema”, pois é importante haver sempre quantidades significativas de informações referentes a um conteúdo, não havendo um número exato de quantidade que este tipo de recurso deve oferecer aos alunos.

Quanto aos alunos ouvintes, as opiniões são praticamente as mesmas, tanto em relação ao que precisa ser melhorado, quanto ao que eles não gostam neste tipo de recurso; para um aluno é preciso que haja “variedades de personagens” para melhorar a aula. Enquanto para outros “é necessário haver maior quantidade de materiais” e que, também, estes “sejam mais populares”, pois desta forma desperta um interesse maior pela aula.

De acordo com os intérpretes entrevistados é importante que seja melhorada a “abordagem metodológica”, e “utilizar personagens mais conhecidos pelo público-alvo”, são duas atitudes que melhoram a prática deste recurso qualitativamente.

As opiniões dos professores foram as mais diversas; para um, é necessário que haja “variedade de charges e tiras”, enquanto para outro “é importante que sejam mostrados aos alunos as tiras de personagens mais conhecidos, pois isso motiva o interesse”; e, para outro professor, “a forma como é levado o debate acerca do conteúdo”. Essas três opiniões demonstram o quanto, em alguns casos, precisa ser melhorado o uso deste recurso, cuja finalidade é desenvolver no aluno o raciocínio crítico e interpretativo de cada material.

C) Desenhos: As primeiras relações que o aluno organiza e utiliza são simples chamadas topológicas, como por exemplo: vizinhança, separação, ordem, envolvimento e continuidade. Essas ligações possibilitam à criança discernir figuras abertas e fechadas, embora não possibilitando que ela consiga distinguir entre um círculo e um quadrado.

Para os alunos surdos, algumas mudanças precisam ocorrer com a finalidade de melhorar este recurso didático. “O objetivo de se fazer o desenho”, “a escolha do que será desenhado” e “juntar o conteúdo com o desenho” foram as respostas dadas nas entrevistas referente a esta questão. Como se pode notar, principalmente a partir da última opinião em que se demonstra que os alunos não compreendem a importância desta atividade para sua aprendizagem, portanto, compete ao professor trabalhar detalhadamente o uso deste recurso.

Para os alunos ouvintes as opiniões não são tão diferentes em relação às respostas dos alunos surdos. Quando perguntados acerca do que deve ser melhorado no uso deste recurso didático, a primeira resposta foi um tanto parecida com uma resposta de um aluno surdo: “o objetivo pelo qual tem que ser desenhado”, muitas vezes esse objetivo não está claro para eles, portanto, o professor deve sempre expor para seus alunos qual a finalidade do trabalho; para outro aluno, deve ser melhorada “a técnica do desenho”, neste ponto, acredita-se que o professor deve deixar o aluno escolher a forma como estará

realizando este trabalho, pois o professor poderá encontrar uma agradável surpresa ao verificar os resultados deste recurso didático.

Para os intérpretes, a relação com este recurso se dá em duas etapas, em que a primeira está relacionada com a questão de melhorias a serem realizadas neste recurso, em que há a necessidade, de acordo com os entrevistados, melhorar: “as interações entre conteúdo e o objetivo do desenho”, em que o professor deverá fazer sempre as ligações necessárias entre teoria e prática; “a forma como o professor pede o desenho”, num sentido de evidenciar o objetivo e o destino do desenho, devendo estar sempre claro para os alunos; e “o objetivo pelo qual o aluno realize esta atividade”, demonstra que muitas vezes os alunos não sabem por qual razão precisam realizar esse exercício.

Os professores também possuem opiniões semelhantes a dos intérpretes, tanto na questão do que precisa ser melhorado como a forma que se deve trabalhar este recurso. De acordo com os professores entrevistados, as respostas para a primeira questão são: “correlação da atividade com o conteúdo apropriado”, “interagir conteúdo com o método”, e “Abordagem do conteúdo”; percebe-se que os professores estão atentos à forma como se trabalha o conteúdo e este exercício. As opiniões para a segunda pergunta foram: “sempre instigar no aluno seu lado de criação atrelado ao aprendizado”, “estimulando no aluno a ação de reconhecimento do espaço desenhado”, e “estimulando a ação criativa do aluno”; os professores estão, de certo modo, preocupados com o aprendizado do aluno; verifica-se, também, que os professores estão atentos aos sentimentos que os alunos revelam no decorrer do trabalho acerca do ambiente onde vivem.

D) Filmes e Vídeos: O cinema pode ser mais útil, na sala de aula, na forma de documentário ou curta-metragem. Esses documentários devem ser analisados, assistidos e discutidos durante o tempo de uma aula. Não é certo usar duas ou três aulas em dias diferentes, para assistir a um filme e só na outra semana debatê-lo. Dessa maneira, quando um filme for passado o professor deve recortar os trechos mais adequados para discutir em sala de aula.

Os alunos surdos apontam algumas sugestões para a melhoria deste recurso, trata-se, primeiramente, de uma “relação mais clara com o conteúdo”, de forma que o aluno consiga assimilar as ideias mais facilmente, por meio de um debate que o professor faça no decorrer do recurso apresentado. Outra sugestão é “atualizar os vídeos”, desta forma o professor não corre o risco, dependendo do conteúdo, de apresentar um material já ultrapassado.

Os alunos ouvintes também necessitam que os professores utilizem “vídeos mais recentes”, vídeos atualizados que tragam a mensagem na linguagem do aluno facilitando o entendimento do conteúdo.

De acordo com os tradutores, é importante que os professores trabalhem com este recurso “por trechos pausados”, “sempre com legendas”, e tentar trazer para “a vivência dos alunos”. Desta forma, os intérpretes acreditam que o recurso dos filmes e vídeos pode ser de grande valia para o aprendizado dos alunos.

Os professores de Geografia que foram entrevistados acreditam que para aperfeiçoar o uso deste recurso é preciso “focar no conteúdo da aula, às vezes dispersa” e trazer para essas aulas “vídeos atuais”. Desta forma os resultados que serão encontrados estarão dentro das expectativas esperadas, tanto pelos professores quanto pelos alunos.

E) Globo Terrestre: Um globo deveria estar presente no momento de serem pesquisados assuntos como orientação e localização, para esclarecer as coordenadas geográficas, criando base de noções quanto à posição da Terra no espaço e suas relações no sistema solar, e assim, afastar as dificuldades para a compreensão das divergências quanto à projeção da Terra sobre um mapa e para explicar a ligação entre a forma da Terra e a variedade ambiental, especificamente o fator clima.

A utilização correta do globo contribui enormemente para o aluno desenvolver o entendimento da universalidade e a promover condutas de respeito aos povos, consideração, aceitação, cooperação, na medida em que se aceita a configuração do mundo por inteiro e não de maneira dividida.

Para os alunos surdos, as sugestões acerca deste recurso estão ligadas à quantidade de globos disponíveis: “a quantidade de globo”, “mais globos”, e “número de globos terrestres por grupos de colegas”; o globo é visto como um recurso que deve ser manuseado pelos alunos e não apenas apresentado formalmente, para que haja esse efetivo manuseio, sendo importante a escola contar com uma quantidade maior de número de globos.

Quanto às opiniões dos alunos ouvintes as repostas acerca do que precisa ser melhorado se resumem em basicamente duas: “haver mais globos” e “tamanho do globo”, alguns conteúdos exigem que os globos sejam de tamanho maior ou menor, outros conteúdos trazem a necessidade de cada aluno ou grupos reduzidos possuir um globo para manuseio.

As opiniões dos intérpretes também estão relacionadas à quantidade de globos terrestres na escola: “disponibilização de materiais” e “quantidade de material”, há um

problema no fato de que algumas escolas não contam sequer com um único globo, como retrata a primeira opinião.

As respostas dos professores foram as mais diversificadas deste grupo de entrevistas. Primeiramente, perguntados a respeito das melhorias necessárias para o uso deste recurso as respostas foram: “a forma de aplicação do método”, “a escala do globo”, e “quantidade de materiais”; em relação à primeira opinião demonstra-se que este professor se preocupa com a abordagem deste recurso didático, mas, não está sendo eficaz, e que se exige melhorias na forma como cada professor trabalha em sala de aula com este recurso; em relação à segunda resposta percebe-se que alguns globos, de baixa qualidade, não apresentam a escala deste; e o terceiro professor entrevistado diz que a quantidade de globos é inferior à necessária.

F) Gráficos, Tabelas e Quadros: As reproduções gráficas, especificamente: gráficos, tabelas e quadros são componentes essenciais na resolução de assuntos geográficos, embora, em algumas situações constituem-se em obstáculos à aprendizagem, causados pelas dificuldades que os alunos enfrentam ao lidar com estes recursos.

Os alunos surdos entendem que, se fossem realizadas algumas melhorias no uso desta prática tornaria melhor a leitura das informações apresentadas, as respostas foram: “tipo de gráficos”, e “menos informações por quadros e tabelas”, uma vez que os professores adéquam as informações por meio de gráficos corretos, no sentido da forma, cujas informações poderiam ser mais bem trabalhadas.

Os alunos ouvintes também acreditam que alguns pontos precisam ser adequados em relação ao uso deste recurso: “qualidade dos gráficos”, “formato dos gráficos”, e “menos informações nas tabelas”, são algumas posturas que os professores precisam prestar atenção ao utilizar essa fonte.

Os intérpretes avaliam de algumas formas o uso deste recurso, em primeiro a questão das melhorias necessárias: “menos informações nos quadros e tabelas”, “abordagem do método”, e “objetivo do uso deste recurso”, essas opiniões demonstram alguns detalhes que os professores precisam corrigir e/ou adequarem para que o aluno possa fazer melhor uso deste recurso.

Os professores entrevistados demonstraram que também estão atentos às melhorias que devem ocorrer no uso deste recurso: “diversidade de formas dos gráficos” e “aplicação do material sempre com coerência do conteúdo”, de modo que estas respostas evidenciam que os professores já sabem o que deve ser feito para melhorar o uso deste recurso.

G) Imagens e Fotos: O ensino de Geografia mostra uma obrigatoriedade crescente de debater caminhos que levem o aluno a se envolver com o mundo à sua volta, encerrando a simples descrição de paisagens. A aplicação de gravuras, fotos, desenhos e outras representações em sala de aula proporcionam ao aluno aumentar a sua habilidade na observação e valorização do que existe à sua volta.

Para os alunos surdos, alguns pontos precisam ser melhorados, entre eles: “qualidade e quantidade das fotos”. Neste ponto, compete ao professor verificar a qualidade das imagens, de modo que não interfira na aprendizagem dos alunos; quanto à questão de quantidade, isso pode variar de acordo com o objetivo das aulas, bem como a viabilização de imagens apropriadas para o conteúdo.

Os alunos ouvintes, assim como os alunos surdos, consideram este recurso como um bom meio para as aulas de Geografia, mesmo assim eles acreditam que algumas considerações acerca do uso deste recurso são necessárias para a melhoria do mesmo. Um dos alunos entrevistados sugere que as “imagens devem ser mais adequadas às aulas”, o que sugere ao professor pesquisar sempre por uma variedade de fotos que expressam da melhor forma possível o conteúdo ministrado.

Os tradutores consideram, em linhas gerais, que é importante os professores estarem atentos à “qualidade e à abordagem deste recurso”, pois de acordo com os intérpretes, em determinados momentos o professor foge da aula pelo mau uso deste recurso didático.

Os professores fazem uma auto avaliação da forma como estão efetivando o uso deste recurso; de acordo com eles, precisa ser trabalhando em sala de aula, a utilização de imagens da seguinte forma: “com o máximo possível de imagens que se refere aos conteúdos”, “na forma de debate atrelado ao conteúdo”, e “sempre abordando de forma direta e clara com a participação dos alunos”; desta forma o professor está incentivando o raciocínio crítico em seus alunos, por meio de análises em grupos no decorrer de suas aulas. Com o uso deste recurso, modificando de modo positivo seu uso, para melhor atender seus alunos, os professores promovem um aperfeiçoamento no ensino de Geografia.

H) Internet e Computadores: A internet pode exercer um papel muito importante auxiliando o professor na busca para interligar o mundo do aluno, com essas novas tecnologias e a própria internet ao conteúdo de sua aula.

O uso deste recurso para os alunos surdos é visto de modo que, de acordo com eles, algumas posturas precisam ser corrigidas, por exemplo, “organização da sala de

informática”, muitas vezes os alunos encontram-se eufóricos, daí a importância do professor ter domínio de seus alunos; “ter um computador para cada aluno”, esse problema compete a questão da organização da escola e o tamanho da sala de informática, neste caso, o professor deverá adequar suas atividades à quantidade de computadores e dividir os alunos em duplas; e acesso a “sites mais conhecidos”, isso implica numa melhor aceitação por parte dos alunos, mas não que o professor não possa apresentar outras páginas que possam fazer os alunos se interessarem.

Os alunos ouvintes, também, possuem suas opiniões acerca deste recurso muito semelhante as do grupo anterior, com exceção de uma colocação acerca das melhorias necessárias, em que de acordo com um aluno entrevistado muitos sites não possuem “informações com credibilidade”, o que prejudica um melhor aprendizado.

Os tradutores opinam acerca do modo como os professores devem trabalhar este recurso: “de forma lúdica”, “tratar com importância o uso deste recurso”, e “sempre de forma dinâmica, com acesso a sites de atividades lúdicas voltadas aos conteúdos específicos”; são atitudes como esta que farão o professor atingir os objetivos de suas aulas.

Os professores acreditam que alguns pontos necessitam ser corrigidos para dar aos alunos um melhor aproveitamento que a informática pode oferecer a eles na escola: “atendimento individual aos alunos” e “otimização do tempo na sala de informática”; principalmente, em relação à questão de atender os alunos individualmente pode contribuir para um melhor resultado da aula, pois muitos alunos da rede pública de ensino não possuem noções de informática e ficam mais atrasados, neste ponto, em relação aos demais.

I) Jornais e Revistas: Utilizando o jornal ou a revista como um subsídio ao ensino, o professor pode provocar uma aproximação entre o conteúdo desenvolvido em sala de aula e as matérias das reportagens informadas pela mídia, ligadas ao cotidiano do aluno para que, assim, ele possa vislumbrar as modificações que estão acontecendo no mundo e no seu próprio país.

Os alunos surdos enxergam a necessidade de utilizar “jornais mais conhecidos”, bem como revistas de maior circulação, isso se dá pelo fato destes recursos trazerem informações acerca de vários lugares do mundo.

Os alunos ouvintes apresentaram respostas semelhantes para as duas mesmas perguntas que foram realizadas para os alunos surdos, respectivamente as respostas foram: “apresentar matérias de jornais de maior circulação” e “o uso do sensacionalismo”.

Os tradutores argumentam que determinadas atitudes precisam ser corrigidas, tais como: “manchetes e reportagens mais voltadas para o conteúdo”, “a variedade de jornais e revistas”, e “a linguagem transmitida ao aluno”, são posturas como estas que precisam ser corrigidas, para otimizar o uso deste recurso em sala.

Os professores de Geografia acreditam que determinadas posturas podem contribuir para uma melhora significativa da aprendizagem dos alunos por meio deste recurso didático: “o diálogo e a forma de abordagem”, “melhor uso dos materiais”, “a forma como se apresenta ao aluno a temática através do método”; é por meio da correção que pode ser realizada a partir destas opiniões que o professor estará promovendo um melhor ensino a seus alunos.

J) Literatura: A literatura pode e deve ser usada pelos geógrafos para apreender a produção do espaço assim pelos professores de Geografia no desenvolvimento de ensino e de aprendizagem, especialmente as obras literárias regionalistas, que ao serem observadas atentamente, possibilitam um melhor entendimento da produção do espaço regional no processo histórico no âmbito nacional.

A partir disso, foi possível perceber uma boa aceitação por parte dos alunos surdos no uso deste recurso, em que de acordo com apenas um entrevistado deveria ser melhorada a questão da “escolha dos livros”, pois desta forma o aluno pode, dependendo da obra, se interessar ou não.

Trazendo a literatura para uma abordagem mais atual, certamente, despertará um olhar diferente no aluno, do que um livro mais antigo, “livros que não chamam atenção”, “livros de modismos, de modinha”, e “livros com linguagem difícil”; pois são aspectos pelos quais os alunos ouvintes não gostam no uso deste recurso.

“Atualização de livros”, “exploração do recurso”, e “escolha das obras” são as opiniões dos intérpretes acerca do que precisa ser melhorado no uso desta prática de ensino, cujas respostas remetem a uma tendência de desejar que os alunos obtenham um melhor resultado nos ensinamentos.

Para haver melhorias substanciais no uso deste recurso, os professores precisam desenvolver este recurso didático por meio da “escolha de alguns trechos para debate”, “estimulando a leitura”, e “motivando a leitura através de alguns pontos”. De modo que o professor esteja atento às dificuldades que cada aluno possui para desenvolver a atividade de leitura e compreensão de uma obra.

K) Mapas e Atlas: Ao se mencionar a palavra mapa, imediatamente o ligamos à Geografia. É uma característica excelentemente cultural. Os mapas, no entanto, são uma

representação da Geografia, o que é geográfico. Nesse sentido, percebe-se que o mapa sempre é mencionado como um símbolo geográfico. Essa ideia persiste, mesmo em nossos dias atuais.

O único comentário realizado por um aluno surdo está relacionado à “atualização do atlas”, como se nota alguns alunos estão atentos à transformação de alguns territórios, logo, o professor precisa estar atento a esse detalhe e exigir da escola sempre uma renovação de seus atlas.

Em relação às opiniões no sentido de melhorias neste recurso didático, os alunos ouvintes acreditam que não há necessidade de mudar o modo como seus respectivos professores abordam os conteúdos com este recurso.

Os tradutores afirmam que para se trabalhar este recurso algumas posturas precisam ser adequadas, tais como: “dependendo da finalidade do conteúdo, com comparações de mapas”, “de forma lúdica como meio para auxiliar os alunos na orientação”, e “avaliar mapas de diversos períodos”.

Os professores de Geografia, de modo geral, afirmam que é necessário o professor “ter acesso a coleções de mapas” e “utilizar mapas atualizados” como forma de melhorar o uso deste recurso.

L) Maquetes: Quando as aulas são organizadas com a ajuda de maquetes, a apreensão e a identificação dos objetos, como também os esclarecimentos dos conteúdos são mais bem aproveitados, possibilitando o surgimento de uma série de dúvidas e interesses voltados para os componentes presentes nas maquetes.

Os alunos surdos acreditam que os professores precisam estar atentos a dois detalhes para tornar o uso deste recurso mais eficaz: “tipo de maquete” e “o uso final da maquete”, em relação a este último comentário, mostra-se a preocupação deste aluno com o que será feito com a maquete, em que muitas vezes depois de pronto fica exposta alguns dias na escola e depois vai parar no lixo, isso faz com que os alunos sintam-se menos motivados a realizar, posteriormente, este tipo de trabalho.

Os alunos ouvintes dizem gostar de realizar estes trabalhos, e não apontam nenhuma melhoria a ser realizada. Entretanto, apontam fatos que nos dão a noção de sentimentos negativos, principalmente, quando: “tem que fazer várias maquetes ao mesmo tempo”, “construir várias maquetes ao mesmo tempo”, e “quando fica abandonada na escola”, como se pode perceber, em relação ao último comentário, de fato os alunos ficam desapontados quando veem que seus trabalhos, depois de pouco tempo, estão abandonados, ou são jogados fora.

O professor tem que estar atento a este tipo de atitude, e quando for trabalhar com maquetes precisa deixar claro, que caso nenhum aluno se importa, será enviado ao lixo ou, o que seria melhor, à coleta seletiva para reciclagem, daí surge uma boa maneira do professor entrar num outro contexto e levar seus alunos até um local que realize a reciclagem do lixo.

Quanto aos intérpretes, estes acreditam que o professor precisa adquirir algumas posturas que torne o uso deste recurso melhor, como por exemplo: explicar aos alunos o “objetivo do uso da maquete”, qual a “aplicação do método”, e o “uso final da maquete”.

Deve-se trabalhar este recurso, de acordo com os professores entrevistados: “sem necessidade de se utilizar a escala”, “de modo lúdico”, e “deixando os alunos criarem o espaço de forma espontânea, para depois discutir o uso do espaço”; de forma que os alunos sintam prazer ao realizar o trabalho.

M) Música: A música sempre se fez presente e ligada à vida das pessoas, especialmente a dos jovens, sempre falando de algum assunto, ora do meio ambiente, ora censurando ações do governo, enfim, são infinitos os temas que a música consegue abordar em relação à Geografia, mas acontece de essas mensagens passarem despercebidas aos ouvidos das pessoas.

Curiosamente, os alunos surdos também têm se beneficiado deste recurso; eles apontam sugestões que precisam ser melhoradas, tais como: “escolha da música, para que o intérprete possa traduzir mais facilmente”, “apresentar a letra da música”, e, principalmente, “entonação dos sinais”; em relação a este último aspecto, é importante o intérprete mostrar aos surdos quando uma música possui um tom mais forte, cujas batidas das músicas possuem um som maior, e, também, quando a melodia for mais suave, estes alunos acreditam que dessa forma eles podem entender a música um pouco melhor.

Os alunos ouvintes, geralmente, gostam do uso da música em sala, pois ela está muito presente no cotidiano deles, porém alguns pontos precisam ser revistos pelos professores, como: “a escolha das músicas” e a “seleção de músicas e clipes”, mesmo sabendo que é difícil agradar a todos os gostos musicais de uma turma, o professor poderá tentar trazer para a sala músicas que muitas vezes retratam a realidade do aluno.

Os tradutores são receosos quanto ao uso dessa prática, pois muitas vezes eles não conseguem passar aos surdos a forma correta da música, isto é, a forma como esses alunos desejam que seja realizada a tradução, de acordo com as opiniões destes entrevistados, devem ser corrigidos, tanto os intérpretes quanto os professores, os

seguintes pontos: “a prática de sinais”, “a forma como se transmite ao aluno surdo tem que ser respeitada”, e “aplicação do método, deve ser mais direto”; as duas primeiras sugestões remetem à prática do intérprete, enquanto o segundo trata de melhorias que os professores deverão averiguar.

Os professores, também, avaliam algumas posturas que podem ser corrigidas para melhorar o uso deste recurso didático, tais como: “escolha das músicas”, “a abordagem que se faz da música”, e “a qualidade do material”; são atitudes que os professores percebem estar dificultando o uso deste recurso.

N) Saída de Campo: O trabalho de campo tem se mostrado ser um recurso que consegue segurar a atenção dos alunos. É uma ação que favorece para melhoria da relação dos alunos entre si e também com os professores. Além disso, consegue assimilar e entender melhor os conteúdos próprios, podendo ajudar o aluno na transformação de condutas e desenvolvimento da própria personalidade, o que o auxiliará na sua vida futura, tanto social como profissional.

Os alunos surdos sugerem que o campo deve priorizar um “lugar com melhor acesso”, pois desta forma eles acreditam que poderiam aproveitar melhor essa aula.

Para os alunos ouvintes este tipo de aula pode ser melhorado caso o professor tome algumas posturas, tais como: “escolha do trajeto” e “a forma como se realiza essa aula”, é importante que os professores levem em consideração as opiniões dos alunos, para preparar suas aulas.

Em relação aos comentários dos tradutores acerca de como se pode melhorar a prática deste recurso, eles afirmam que deve ocorrer da seguinte forma: “a seleção do roteiro”, “escolha de locais mais apropriados”, e “a escolha do local”; os professores devem preparar o roteiro e trabalhar com os alunos antes de realizar a atividade, para que os alunos vão a campo sabendo o que será estudado.

Os professores sentem a necessidade de melhorar: “o roteiro”, “seleção dos locais e abordagem em campo”, e “otimizar o tempo no local”; para melhor poder estimular a vontade do aluno pela aula.

Após a verificação da pertinência do uso de cada recurso didático, pode-se notar, por meio da tabela 1 que não houve nenhum aspecto ruim ou péssimo para a aplicação deste recurso didático, até mesmo porque são práticas conhecidas pelos professores, das 12 pessoas entrevistadas para cada prática de ensino (alunos surdos e alunos ouvintes, intérpretes e professores, três de cada), classificaram o uso destas práticas como regular, bom e excelente em determinados momentos.

Tabela 1 – Opinião dos Entrevistados em Relação aos Recursos Didáticos.

Atividades Propostas	Opinião dos Entrevistados				
	Excelente	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Atividades Lúdicas	4	6	2	0	0
Charges, Tiras e Quadrinhos	5	5	2	0	0
Desenhos	1	6	5	0	0
Filmes e Vídeos	5	7	0	0	0
Globo Terrestre	0	5	7	0	0
Gráficos, Quadros e Tabelas	0	6	6	0	0
Imagens e Fotos	6	6	0	0	0
Internet e Computadores	0	6	6	0	0
Jornais e Revistas	1	7	4	0	0
Literatura	5	7	0	0	0
Mapas e Atlas	6	6	0	0	0
Maquetes	5	7	0	0	0
Músicas	1	8	3	0	0
Saída de Campo	2	8	2	0	0

Fonte: Pesquisa realizada em campo, entrevistas com professores, intérpretes, alunos ouvintes e alunos surdos.

Org.: o próprio autor.

2.1. Do uso livro didático

Constituindo-se em um apoio para as aulas, o livro didático não deve ser usado como recurso didático, mas como um subsídio ao professor. No ambiente acadêmico-profissional, inúmeras discussões priorizam o livro didático, tanto do ponto de vista metodológico como de conteúdo. Em alguns debates o livro didático é considerado um dos poucos auxílios de que o professor, no Brasil, possui para a realização do seu trabalho. Na verdade, ele torna-se fonte única de informações para muitos, e em várias oportunidades as informações nele contidas não são merecedoras de total credibilidade.

O livro didático é visto em outros meios como sendo uma obrigatoriedade imposta pelo governo de homogeneização da sociedade. As críticas que os professores fazem são referentes à falta de conteúdo das cartilhas que os governos aprovam e distribuem para serem utilizadas nas escolas. As poucas ilustrações, as falhas nas ofertas pedagógicas, e as diversidades existentes entre o projeto pedagógico da escola e o conteúdo dos livros adotados.

Para ser adequado ao aluno, o livro didático deve apresentar os conteúdos e atividades partindo de idéias, noções e experiências que ele já possui, apreendidas através do senso comum no cotidiano vivido, respeitando sua fase cognitiva. Além disso, o livro deve apresentar estratégias de integração dos conhecimentos geográficos e das experiências que os alunos possuem

deter em relação aos novos conceitos elaborados. Por outro lado, os livros também devem contribuir no desenvolvimento progressivo da autonomia do aluno nos estudos, com uma abordagem em que ele seja tratado como sujeito ativo nos processos de ensino e de aprendizagem. Devem, ainda, estimular sua curiosidade para o aprendizado sistemático (científico), desenvolvendo, para esse fim, processos cognitivos básicos e níveis sucessivos de abstração. (SPÓSITO, 2006, p. 24).

Considerando-se somente os conteúdos geográficos, o problema torna-se ainda mais temeroso, já que as informações constadas nos livros são mínimas e, a isso soma-se a pouca informação do professor com resultado não satisfatório. Porém, constata-se que o professor das séries iniciais, de um modo abrangente, leciona Geografia tendo como sustentação apenas a narração dos fatos e quase sempre atrelado ao livro didático, e desta maneira o ensino de Geografia apresenta dificuldades tanto de ordem epistemológica e de pressupostos teóricos como outros referentes à seleção dos conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento do aluno com a realidade em que vive é facilitado devido à modernização na forma de ensinar, isto é, a realização do conhecimento por meio de recursos diferenciados.

Diversificando o recurso didático que será aplicado, o professor poderá reproduzir práticas criativas e experiências que desenvolvam um poder de estimulação. O professor pode reavaliar sua prática de ensino sempre que achar preciso, e assim estará colaborando na formação de cidadãos mais críticos que deverão encontrar no ensino a base para entender o espaço geográfico.

Todos os recursos didáticos apresentados neste trabalho têm como principal objetivo estabelecer o ensino de Geografia para alunos surdos e alunos ouvintes, de modo que os mesmos obtenham conhecimento crítico de forma mais dinâmica possível, dando oportunidades de aprendizagem para os dois grupos.

A experiência oferece uma aproximação da realidade do cotidiano do professor e o entendimento que ensinar não significa somente transmitir assuntos e sim uma reciprocidade de conhecimentos que requer ética, cumplicidade, bom senso e muita pesquisa. Esta incessante procura por uma educação possibilita a transformação da situação atual do aprendizado em algo maior e melhor para o desenvolvimento intelectual e pessoal dos alunos e do próprio professor é o que faz a escola ser um local infinitamente satisfatório.

O professor pode refletir constantemente no que se refere à consciência da dimensão política de sua ação, isto é, do seu papel social com referência à busca por uma profissionalização idônea, consistindo em ver as coisas de modo claro, fundo e amplo com dimensão atribuída ao ensino na modernidade.

Nessa direção, o professor deverá ser capaz de coordenar a ação política do seu trabalho com a dimensão técnica e, também, a mediação entre essas duas situações por uma terceira, a dimensão ética essencial para a fundamentação de uma prática competente.

Diante de tudo que foi exposto, espera-se que a educação escolar proporcione os subsídios suficientes para a organização de uma nova prática geográfica, sustentada em recursos didáticos que objetivem a construção de saberes geográficos significativos, que possibilitem aos alunos se colocarem no âmbito social, considerando as relações e reproduções organizadas em seu espaço de vivência e/ou de sobrevivência.

Contudo, mostra-se, por meio dos questionamentos, que alguns pontos precisam ser averiguados para que haja o aperfeiçoamento destes recursos, com a finalidade de melhor ensinar os alunos envolvidos. São atitudes que cabem aos professores estarem mais atentos aos detalhes que podem fazer os alunos se dedicarem e se interessarem mais ou menos pela Geografia.

Por fim, cabe à escola, também, averiguar determinadas sugestões apresentadas pelos alunos, surdos e/ou ouvintes, tradutores e professores como forma de promover melhor acesso aos materiais e recursos necessários e, também, respaldar toda e qualquer ação pedagógica que possa aprimorar a qualidade do ensino que a instituição oferece à comunidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial: Área de Deficiência Auditiva**. Brasília, DF, 1995.

BRASIL. Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o artigo 18 da Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Seção 1, p. 28.

BUENO, G. S. Surdez, linguagem e cultura. **Cadernos Cedes**, Campinas: Unicamp, n. 46, p. 41–56, 1998.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, n.16, p. 133-152, 1º semestre 2001.

CASSETI, V. A natureza e o espaço geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar de Alunos Deficientes Matriculados na Educação Básica – 2012**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

MOURA, M. C. de. **O surdo**: Caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

SPÓSITO, E. S. Livro didático em geografia, do processo de avaliação à sua escolha. In: PAVÃO, A. C. (Org.). **O livro didático em questão**. 2006, p. 26-37. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/161240LivroDidatico.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2011.

Recebido em 25 de fevereiro de 2013.

Aceito em 23 de junho de 2015.